

# AUTOMEDICAÇÃO

## Uma Síntese das Publicações Nacionais

Roberta Soldatelli Pagno Paim<sup>1</sup>

Rosana Pinheiro Lunelli<sup>2</sup>

Kemberly Zanchett<sup>3</sup>

Patrícia Menon<sup>4</sup>

Samanta da Costa<sup>5</sup>

Thainá Giachelin<sup>6</sup>

### RESUMO

A automedicação é uma prática comum e difundida em todos os países, podendo retardar o diagnóstico e a cura das doenças bem como contribuir para reações adversas e consequências graves. Objetiva-se atualizar os profissionais da saúde e a população em geral em relação aos danos, às vezes irreversíveis, que a automedicação irracional pode causar, de forma a evitar e reduzir o alto índice de intoxicação. Realizou-se uma revisão bibliográfica a fim de sintetizar as publicações nacionais que discorressem sobre a temática. Foram analisados 25 artigos das bases de dados Lilacs, Scielo e Medline. De acordo com os estudos, o principal motivo para a automedicação está no alívio da dor por meio de analgésicos. Em relação à faixa etária, todas estão expostas à automedicação, porém as crianças e os idosos são os que apresentam maiores riscos. Constatou-se também a alta prevalência da automedicação entre os profissionais da área da saúde. Além disso, a facilidade em adquirir os medicamentos, a falta de acesso aos serviços de saúde e a ausência de orientação são os principais fatores que conduzem à automedicação. Considerando os resultados encontrados, faz-se necessário a criação de programas de conscientização sobre o uso racional de medicamentos, cabendo aos profissionais de saúde orientar a população em relação aos riscos dessa prática.

**Palavras-chave:** Automedicação. Medicamentos. Farmacoepidemiologia.

### ABSTRACT

Self-medication is a common and widespread practice in all countries, and may delay the diagnosis and cure of diseases as well as contributing to adverse reactions and serious consequences. The goal is to update the health professionals and the general population in relation to the damage, sometimes irreversible, that irrational self-medication can cause, in order to avoid and reduce the high level of intoxication. A literature review was carried out in order to synthesize the national expatriate publications on the subject. 25 articles were analyzed the Lilacs, Scielo and Medline databases. According to the studies, the main reason for self-medication is in pain relief through painkillers. In relation to age group, all are exposed to self-medication, but children and the elderly are those with higher risks. It was also the high prevalence of self-medication among health care workers. In addition, the ease in acquiring medicines, lack of access to health services and lack of guidance are the main factors that lead to self-medication. Considering the results, it is necessary the creation of awareness programs about the rational use of medicines and health professionals to guide the population about the risks of this practice.

**Keywords:** Self-medication. Medicines. Pharmacoepidemiology.

<sup>1</sup> Graduação em Farmácia – Habilitação em Análises Clínicas e Toxicológicas pela Universidade de Caxias do Sul (2005) e Mestrado em Biotecnologia (2009) pela mesma Universidade. Especialista em Prevenção e Controle de Infecções Relativas à Assistência à Saúde (2013). Instituição: Faculdade da Serra Gaúcha (FSG)/ Faculdade Nossa Senhora de Fátima/ Faculdade Cenequista de Bento Gonçalves. roberta.soldatelli@terra.com.br

<sup>2</sup> Graduada em Enfermagem pela Universidade de Caxias do Sul. Especialista em Cardiologia pelo Programa lato sensu em Enfermagem do Instituto de Cardiologia do RS/Fundação Universitária em Cardiologia (ICFUC), Residência Multidisciplinar em Cardiologia do Instituto de Cardiologia do RS/(ICFUC). Mestre em Ciência Cardiovascular da Instituição (ICFUC). Instituição: Faculdade da Serra Gaúcha (FSG). rosana.lunelli@fsg.br

<sup>3</sup> Graduanda em Enfermagem – Faculdade da Serra Gaúcha (FSG). kemberly.zanchett@hotmail.com

<sup>4</sup> Graduanda em Enfermagem – Faculdade da Serra Gaúcha (FSG). patricia.menon@outlook.com

<sup>5</sup> Graduanda em Enfermagem – Faculdade da Serra Gaúcha (FSG). samanta\_d.c@hotmail.com

<sup>6</sup> Graduanda em Enfermagem – Faculdade da Serra Gaúcha (FSG). thaina\_giachelin@hotmail.com

## **RESUMEN**

La automedicación es una práctica común y difundida en todos los países, pudiendo retardar el diagnóstico y la cura de las enfermedades, así como contribuir para que ocurran reacciones desfavorables y consecuencias graves. Se objetiva actualizar a los profesionales de salud y a la población en general sobre los daños a veces irreversibles que la auto medicación puede causar, de modo a evitar y reducir el alto índice de intoxicación. Se ha efectuado una revisión bibliográfica con la finalidad de sintetizar las publicaciones nacionales que discurren sobre dicho tema. Fueron analizados 25 artículos de las bases de datos Lilacs, Scielo y Medline. Según los estudios, fue encontrado que el principal motivo para la automedicación está en el alivio del dolor a través de analgésicos. Con relación a la faja etaria, todas están expuestas a la automedicación, pero los niños y los ancianos son los que presentan mayores riesgos. Se ha constatado también un uso sobresaliente entre los profesionales del área de la salud. Además de eso, la facilidad para adquirir los remedios, la falta de acceso a los servicios de salud y la falta de orientación son los principales factores que conducen a la automedicación. Considerando los resultados encontrados, se hace necesaria la implantación de programas de concientización sobre el uso racional de remedios, tocándole a los profesionales de salud orientar a la población en relación a los riesgos de esa práctica.

**Palabras-clave:** Automedicación. Medicamentos. Farmacoepidemiología.

A automedicação é definida como o uso de produtos sem a recomendação ou supervisão médica, caracterizada pela iniciativa de um doente, ou seu responsável, em consumir um medicamento, industrializado ou caseiro, com o objetivo de tratar ou aliviar sintomas ou doenças e promover a saúde (Filho et al., 2002; Naves et al., 2010; Vitor et al., 2008). O Brasil é um dos principais consumidores mundiais de medicamentos, com o mercado alcançando 22,1 bilhões de dólares anualmente e a ampla disponibilidade aumenta a possibilidade de uso irracional. Segundo a Organização Mundial da Saúde (OMS), mais de 50% de todos os medicamentos são incorretamente prescritos, dispensados e vendidos, e metade dos pacientes os utilizam de maneira errada (Domingues et al., 2015). Além disso, o país ocupa a quinta posição no consumo mundial de fármacos sem prescrição e o primeiro lugar na América Latina (Souza et al., 2011).

A prática da automedicação é consequência de múltiplos fatores, entre os quais a dificuldade do acesso aos serviços de saúde pela população, a crença nos benefícios do tratamento/prevenção de doenças e a necessidade de aliviar sintomas (Domingues et al., 2015). É comum os pacientes seguirem orientações de proprietários ou balconistas de farmácias, familiares, amigos e outros indivíduos considerados leigos no assunto para decidir qual o melhor fármaco a ser utilizado. Outra prática comum envolvendo a automedicação é a reutilização de receitas antigas para adquirir um medicamento que não foi prescrito para uso ininterrupto (Naves et al., 2010; Vitor et al., 2008).

Tendo em vista que a prática da automedicação é uma forma de autocuidado comum para amenizar alguns sintomas e que nenhum medicamento passa pelo organismo sem algum efeito, seja ele positivo ou negativo, é relevante a orientação e informação aos pacientes. Na maioria das vezes os sintomas são amenizados e os resultados são vantajosos, porém essa prática está causando prejuízos à saúde, principalmente em idosos. Estima-se que 30% das admissões hospitalares de pacientes idosos são relacionadas a problemas com medicamentos, incluindo efeitos tóxicos advindos do seu uso inadequado (Bortolon et al., 2008; Galato; Madalena; Pereira,

2012). Em 2011 os medicamentos corresponderam a 29,5% dos casos de intoxicações registrados no Brasil e a 16,9% dos casos de óbito por intoxicações (Domingues et al., 2015).

O uso indevido de medicamentos pode mascarar alguma doença, podendo causar um diagnóstico tardio e atrasar um tratamento adequado (Aquino; Barros; Silva, 2010). A maioria dos medicamentos utilizados com mais frequência entre gestantes, crianças e idosos não possuem estudos de toxicidade para estas faixas etárias e condições fisiológicas. Ao mesmo tempo, estas são condições em que há maior probabilidade de desenvolvimento de efeitos adversos e reações de toxicidade importantes, devendo à prescrição e administração de medicamentos serem ainda mais criteriosas quanto à real necessidade do uso de grande número e variedade dos tipos de fármacos oferecidos (Leite; Vieira; Veber, 2008).

De acordo com o exposto, é de extrema importância o conhecimento sobre o tema por parte dos profissionais de saúde e população em geral. Dessa forma, este artigo tem como objetivos analisar as publicações nacionais sobre o tema automedicação e os fatores e consequências que envolvem esta prática.

## MÉTODO

Trata-se de uma revisão bibliográfica realizada a partir de artigos brasileiros publicados entre os anos de 2000 e 2015 nas bases de dados SciELO, Lilacs e Medline, visando a promover uma síntese desses artigos. Os descritores utilizados foram automedicação, medicamentos, farmacoepidemiologia, e os seguintes critérios de inclusão para a seleção dos artigos foram aplicados: a) estar relacionado com o tema da pesquisa e seus objetivos; b) ser publicado no Brasil durante o período de 2000 a 2015. Dentre os critérios de exclusão foram descartados os artigos que não se enquadraram nos objetivos, além de teses, livros, capítulos de livros, anais de congressos ou conferências.

Para a seleção dos artigos priorizou-se a leitura dos títulos e resumos dos trabalhos com a finalidade de averiguar se estes atendiam aos objetivos deste texto. Consequentemente, aplicaram-se os critérios de inclusão e exclusão descritos anteriormente, contemplando uma amostra de 25 artigos.

## RESULTADOS E DISCUSSÕES

Obedecendo aos critérios de inclusão e exclusão deste estudo, foram encontrados 25 artigos que atendiam os objetivos desta pesquisa. Os estudos encontrados são mistos, com abordagem quantitativa e qualitativa, e tratam dos mais diversos aspectos e fatores da automedicação, bem como suas consequências e medicamentos mais utilizados.

A utilização de medicamentos é resultado de um processo em que diversos fatores estão envolvidos. Por meio da análise realizada pode-se constatar que a automedicação é uma prática muito comum, o que justifica a necessidade de estudo abrangendo aspectos que levam ao uso irresponsável de medicamentos. No Brasil, 80 milhões de pessoas são adeptas da automedicação e pelo menos 35% dos medicamentos consumidos são obtidos para a automedicação (Aquino; Barros; Silva, 2010; Cruz et al., 2014; Souza et al., 2011).

Conforme a leitura dos artigos encontrados, diferentes estudos mostraram um aumento significativo na variedade de medicamentos utilizados. Conforme Lopes (2001), os fármacos que aparecem com as maiores prevalências são analgésicos e antipiréticos totalizando 56,2%, e anti-inflamatórios com 23,3% do total de medicamentos. Com prevalências semelhantes, Filho et al. (2002) mostraram que esses mesmos fármacos atingem 47,6% do total de medicamentos, e Oliveira e Pelógia (2011) relataram uma prevalência de 25,8% para anti-inflamatórios e 9,1% para antibióticos. Resultados semelhantes foram encontrados em um estudo realizado em Bambuí, Minas Gerais (Filho et al., 2012). Contrastando com isso, o estudo de Vitor et al. (2008) encontrou os antibióticos como a classe de medicamentos mais utilizada. De acordo com pesquisas

feitas pela Anvisa, os medicamentos mais utilizados na automedicação são os analgésicos, antipiréticos (antitérmicos) e anti-inflamatórios, estes os maiores causadores de intoxicações (Souza et al., 2011). O mercado mundial de analgésicos cresceu 27% entre os anos de 2006 e 2010. No Brasil, em 2010, este segmento envolveu US\$ 902 milhões, número que coloca o país em uma posição de liderança entre os países emergentes, representando o sexto maior mercado do mundo (Chagas et al., 2015).

Os resultados destas pesquisas estão próximos aos descritos em outro estudo realizado no município de Santa Maria, no Rio Grande do Sul, no qual se constatou uma prevalência de 53,3% de automedicação. Contrapondo-se com isso, um estudo realizado no sul da Bahia indicou uma prevalência de automedicação de 74%, colocando os antibióticos, anti-helmínticos e antimicóticos como classe de medicamentos não prescritos mais consumidos, fato preocupante, uma vez que o consumo de antibióticos sem qualquer critério pode aumentar a resistência de micro-organismos, o que compromete a eficácia dos tratamentos (Vitor et al., 2008). O aumento do consumo de antibióticos elimina as bactérias mais fracas e seleciona as mais fortes, levando ao aparecimento de superbactérias, resistentes a multiantibióticos, responsáveis pelas infecções hospitalares que hoje matam mais americanos do que a Aids. Está comprovado que o aumento da resistência bacteriana cresce paralelamente ao aumento do consumo de antibióticos em uma comunidade (Weckx, 2012).

Na pesquisa de Lopes (2001) verificou-se como causa principal da automedicação os diversos tipos de dor, atingindo 50,8% dos entrevistados, 23,3% relacionados especificamente à dor de cabeça. A gripe, constipação ou tosse originaram uma prevalência de automedicação de 24,6%, seguido por infecções ou inflamações (10%), problemas digestivos ou intestinais (4,3%) e insônia, ansiedade ou cansaço (3,2%). Os demais problemas atingiram 7,1%.

Mais de 80% das pessoas que sentem dores de cabeça apelam diretamente para medicamentos analgésicos antes de tentarem outros métodos

paliativos. O uso indiscriminado de remédios para dores de cabeça pode surtir um efeito inverso, ou seja, em vez de curar, acaba intensificando as dores (Nascimento, 2005; Oliveira, Pelógia, 2011). De acordo com um estudo realizado com 65 profissionais da saúde da Santa Casa de Misericórdia na cidade do Vale do Paraíba do Sul, os sintomas que os motivaram a utilizar medicamentos foram os seguintes: 33,7% relataram cefaleia, 8,8% infecção, 7,4% gastrite ou dismenorreia, 4,4% febre ou lombalgia, 2,8% gripe ou tosse ou rinite e 1,4% demais sintomas, observando-se que a queixa de dor foi relatada por 48,5% dos entrevistados. Além disso, 73,8% utilizaram medicamentos nos últimos três meses, e 46,9% utilizaram por prescrição médica, 14,3% seguiram a recomendação de amigos, familiares e balconistas, 10,2% reutilizaram receita antiga, 26,5% se automedicaram e 2,1% por indicação de farmacêutico. A automedicação foi relatada por 53,1% dos participantes (Oliveira; Pelógia, 2011).

Predomina nos estudos a utilização de medicamentos em categorias específicas da população, como crianças, idosos e estudantes da área da saúde. Pereira et al. (2007) destacaram que em 51% dos casos as mães são as principais responsáveis pela administração dos medicamentos não prescritos às crianças, devido à carência ou falta de profissionais nos postos de saúde ou a utilização de receitas antigas. Já a indicação de funcionários de farmácias foi constatada em 20,1% dos casos de automedicação. Na pesquisa realizada por Cruz et al. (2014), com o objetivo de determinar a prevalência da automedicação em crianças e adolescentes, foi encontrado que 30,57% dos medicamentos foram indicados pela mãe, corroborando com o estudo citado anteriormente. As principais classes envolvidas na automedicação de crianças são medicamentos analgésicos e antitérmicos e o fator que mais motiva a automedicação é a praticidade (88%), conforme estudo de Beckhauser et al. (2010).

Em contrapartida, quando se trata de adolescente, muitos deles têm consciência dos riscos relacionados à automedicação. Pesquisa realizada em Fortaleza (Ceará), com 722 indivíduos entre 13 e 18 anos, relata que a maior parte deles, ao ser questionada se podia tomar medicamento por conta

própria, respondeu que não (54,4%), justificando que poderia apresentar efeito adverso ou contrário do medicamento ou causar dano à saúde. Os 45,6% que afirmaram fazer uso da automedicação justificam que era algo simples o que sentiam ou tinham dificuldade em marcar consulta médica (Silva et al., 2011).

Em relação aos jovens e adultos, principalmente estudantes da área da saúde, a automedicação é encontrada em alta prevalência. Dentre os motivos que levam os estudantes a fazerem uso de medicamentos destaca-se a dor (30,5%), seguida pela prevenção de resfriado, suplementação alimentar (12,7%) e cura de resfriados (10,8%). O estudo ainda indica que a maioria dos entrevistados (70,8%) justificou o uso de medicamentos sem receita médica pelo conhecimento acerca do medicamento (uso há muito tempo, prescrição médica anterior e uso frequente por toda a família), 18,6% dos participantes alegaram falta de tempo de ir a um médico e um número menor (10,6%) apontou o difícil acesso ao sistema de saúde, razões financeiras, comodidade e a não necessidade de buscar cuidados médicos (Aquino; Barros; Silva, 2010). No estudo de Martinez et al. (2014), os autores encontraram que a frequência do uso de medicamentos para a dor é maior entre estudantes da área da saúde, mas a automedicação é praticada igualmente entre estudantes desta área e das demais. O conhecimento próprio influencia mais os estudantes da área da saúde a praticarem a automedicação, posto que medicamentos fazem parte de seus materiais de estudo (Souza et al., 2011).

A faixa etária de destaque para a automedicação é a dos idosos. O Censo Populacional de 2010 aponta que os idosos correspondem a 12% da população brasileira. Nessa idade, a prevalência de patologias crônicas faz deles grandes usuários de serviços de saúde, gerando um complicado regime medicamentoso, contribuindo com cerca de 25% do total de vendas de medicamentos. Na cidade de Goiânia estudo com 934 idosos aponta que 24,6% deles consome pelo menos um medicamento considerado impróprio, ou seja, com receita antiga ou por indicação de algum conhecido (Santos et al., 2013). Dados comprovam que a média de medicamentos

utilizados é habitualmente elevada, podendo variar entre três e sete por pessoa (Sá; Barros; Sá, 2007). Sendo assim, pacientes idosos apresentam riscos mais elevados de serem vítimas de interações medicamentosas, em virtude de alterações fisiológicas importantes, que ocorrem com o envelhecimento, principalmente hepáticas, renais e cardiovasculares (Kawano et al., 2006). Os analgésicos usados por automedicação são os mais frequentes, ocupando um lugar de destaque entre os idosos, considerando que o seu consumo está relacionado ao tratamento da dor e inflamação, sintomas comuns nessa fase (Santos et al., 2013). Vale ressaltar que a prevalência de reação adversa à droga é três vezes maior em idosos do que em jovens, apresentando incidência anual de 26 por mil leitos de pacientes hospitalizados (Oliveira et al., 2012).

Leite, Vieira e Veber (2008) e Naves et al. (2010) relatam que além dos sintomas físicos que levam à prática da automedicação, deve ser levada em consideração a praticidade de adquirir estes medicamentos e a falta de controle na venda por parte da indústria farmacêutica. Segundo Galato, Madalena, Pereira (2012), entre os motivos que estimulam a automedicação são a falta de acesso ao serviço de saúde e a longa demora para conseguir uma consulta médica. De mesma forma, os custos excessivos de uma consulta na rede privada também é um fator relevante para essa prática. Além dos hábitos de consumo de medicamentos sem a devida prescrição médica, a sociedade ainda é influenciada pela mídia e por inúmeras publicidades que incentivam o consumo desnecessário e irracional desses fármacos (Galato; Madalena; Pereira, 2012; Naves et al., 2010).

A prática da automedicação também é influenciada pela farmácia domiciliar, que consiste em comprar um medicamento com ou sem prescrição médica e armazená-lo em casa para utilizar em outra ocasião. Essa é uma prática que pode ocasionar sérios agravos para a saúde, uma vez que, frequentemente, os fármacos são armazenados em locais e recipientes inadequados, fazendo seu prazo de consumo tornar-se menor e consequentemente aumentando os riscos de efeitos adversos (Beckhauser et al., 2010; Corrêa-Fissmer et

al., 2014; Tourinho et al., 2008). Vitor et al. (2008) alertam que a reutilização de receitas antigas sem que os medicamentos sejam recomendados para serem usados continuamente é um fator muito importante a ser destacado, tendo em vista que, por sentir sintomas parecidos com os que já apresentou, o paciente se autodiagnostica com a determinada patologia que em algum momento teve.

Embora os medicamentos sejam capazes de curar, prolongar a vida, retardar o surgimento de complicações associadas às doenças e facilitar o convívio entre o indivíduo e sua enfermidade (Leite; Vieira; Veber, 2008), eles também podem causar em diversos prejuízos à saúde, principalmente quando utilizados de maneira incorreta e sem orientação médica.

Visto que a automedicação é um problema de saúde pública, o presente trabalho poderá contribuir para uma reflexão dos profissionais da área da saúde acerca da automedicação. Nesse contexto, estes profissionais devem estar conscientes dos riscos da automedicação a fim de orientar os pacientes a realizar o uso racional de medicamentos. Como limitações do estudo, são poucos os dados referentes à prevalência da automedicação no Brasil, reforçando a necessidade de pesquisas relacionadas ao tema.

## CONCLUSÕES

A temática abordada possibilitou a percepção de quão debilitada ainda é a saúde pública mundial, mais especificamente a brasileira. Levando em consideração a praticidade de usar medicamentos por conta própria, em termos de tempo e custo, nota-se uma população ainda resistente quando se trata da procura médica por auxílio farmacológico, com o intuito de aliviar a dor. Sendo assim, o uso irracional de medicamentos e a proliferação de reações adversas são desdobramentos perversos deste quadro, no entanto há riscos evitáveis associados a seu uso.

É urgente, portanto, a criação de estratégias de promoção à saúde, com o intuito de orientar a população quanto às possíveis causas e consequen-

ências dessa atitude um tanto quanto irracional, e fundamental é a busca por aconselhamento médico no que diz respeito ao consumo de fármacos. Cabe aos profissionais da saúde, educadores permanentes de prevenção e, muitas vezes, ponto de referência para os usuários dos serviços de saúde, esclarecer eventuais dúvidas e ser o mediador na conscientização da população quanto aos riscos da prática da automedicação e, desta forma, reduzir ao máximo os índices de morbidade.

## REFERÊNCIAS

- AQUINO, D. S.; BARROS, J. A. C.; SILVA, M. D. P. A automedicação e os acadêmicos da área de saúde. *Ciênc. Saúde Coletiva*, Rio de Janeiro, v. 15, n. 5, p. 2.533-2.538, ago. 2010.
- BECKHAUSER, G. C. et al. Utilização de medicamentos na pediatria: a prática de automedicação em crianças por seus responsáveis. *Rev. Paul. Pediatr.*, São Paulo, v. 28, n. 3, p. 262-268, set. 2010.
- BORTOLON, P. C. et al. Análise do perfil de automedicação em mulheres idosas brasileiras. *Ciênc. Saúde Coletiva*, Rio de Janeiro, v. 13, n. 4, p. 1.219-1.226, ago. 2008.
- CHAGAS, O. F. P. et al. Study of the use of analgesics by patients with headache at a specialized outpatient clinic (ACEF). *Arq. Neuro-Psiquiatr.*, São Paulo, v. 73, n. 7, p. 586-592, jul. 2015.
- CORREA-FISSMER, M. et al. Prevalence of self-medication for skin diseases: a systematic review. *An. Bras. Dermatol.*, Rio de Janeiro, v. 89, n. 4, p. 625-630, ago. 2014.
- CRIANÇAS E ADOLESCENTES. *Jornal de Pediatria*. Rio de Janeiro, v. 84, n. 5, p. 416-422, out. 2008.
- CRUZ, M. J. et al. Medication use among children 0-14 years old: population baseline study. *J Pediatr.*, Rio de Janeiro, v. 90, n. 6, p. 608-615, jun. 2014.
- DOMINGUES, P. H. F. et al. Prevalence of self-medication in the adult population of Brazil: a systematic review. *Rev. Saúde Pública*, São Paulo, v. 49, n. 36, 2015.
- FILHO, A. I. L. et al. Prevalência e fatores associados à automedicação: resultados do projeto Bambuí. *Rev. Saúde Pública*, São Paulo, v. 36, n. 1, p. 55-62, fev. 2002.
- GALATO, D.; MADALENA, J.; PEREIRA, G. B. Automedicação em estudantes universitários: a influência da área de formação. *Ciênc. Saúde Coletiva*, Rio de Janeiro, v. 17, n. 12, p. 3.323-3.330, jul. 2012.
- KAWANO, DF et al. Acidentes com os medicamentos: como minimizá-los? *Rev. Bras. Ciênc. Farm.*, São Paulo, v. 42, n. 4, p. 487-495, dez. 2006.
- LEITE, S. N.; VIEIRA, M.; VEBER, A. P. Estudos de utilização de medicamentos: uma síntese de artigos publicados no Brasil e América Latina. *Ciênc. Saúde Coletiva*, Rio de Janeiro, v. 13, supl., p 793-802, abr. 2008.
- LOPES, Noémia Mendes. Automedicação: algumas reflexões sociológicas. *Sociologia, Problemas e Práticas*, Oeiras, n. 37, nov. 2001.
- MARTINEZ, J. E. et al. Estudo da automedicação para dor musculoesquelética entre estudantes dos cursos de enfermagem e medicina da Pontifícia Universidade Católica – São Paulo. *Rev. Bras. Reumatol.*, São Paulo, v. 54, n. 2, p. 90-94, 2014.
- NASCIMENTO, M. C. Medicamentos, comunicação e cultura. *Ciênc. Saúde Coletiva*, Rio de Janeiro, v. 10, supl, p. 179-193, dez. 2005.
- NAVES, J. O. S. et al. Automedicação: uma abordagem qualitativa de suas motivações. *Ciênc. Saúde Coletiva*, Rio de Janeiro, v. 15, n. 1, p. 1.751-1.762, jun. 2010.
- OLIVEIRA, A. L. M.; PELÓGIA, N. C. C. Cefaleia como principal causa de automedicação entre os profissionais da saúde não prescritores. *Rev. Dor*, São Paulo, v. 12, n. 2, p. 99-103, jun. 2011.
- OLIVEIRA, M. A. et al. Automedicação em idosos residentes em Campinas, São Paulo, Brasil: prevalência e fatores associados. *Cad. Saúde Pública*, v. 28, n. 2, p. 335-345, 2012.

PEREIRA, F. S. V. T. et al. Automedicação em crianças e adolescentes. *Jornal de Pediatria*, Rio de Janeiro, v. 83, n. 5, p. 453-548, out. 2007.

SÁ, M. B.; BARROS, J. A. C.; SÁ, M. P. B. Automedicação em idosos na cidade de Salgueiro – PE. *Rev. Bras. Epidemiol.*, São Paulo, v. 10 n. 1, p. 75-85, mar. 2007.

SANTOS, T. R. A. et al. Consumo de medicamentos por idosos, Goiânia, Brasil, *Rev. Saúde Pública*, São Paulo, v. 47, n. 1, p. 94-103, fev. 2013.

SILVA, I. M. et al. Automedicação na adolescência: um desafio para a educação em saúde. *Ciênc. Saúde Coletiva*, Rio de Janeiro, v. 16, n. 1, p. 1.651-1.660, ago. 2011.

SOUZA, L. A. F. et al. Prevalência e caracterização da prática de automedicação para alívio da dor entre estudantes universitários de enfermagem. *Rev. Latino-am. Enfermagem*, Ribeirão Preto, v. 19, n. 2, p. 245-251, abr. 2011.

TOURINHO, F. S. V. et al. Farmácias domiciliares e sua relação com a automedicação em crianças e adolescentes. *J. Pediatr. (Rio J.)*, Porto Alegre, v. 84, n. 5, p. 416-422, Oct. 2008.

VITOR, R. S. et al. Padrão de consumo de medicamentos sem prescrição médica na cidade de Porto Alegre, RS. *Ciênc. Saúde Coletiva*, Rio de Janeiro, v. 13, supl., p. 737-743, abr. 2008.

WECKX, L. Antibióticos: do uso ao abuso. *Braz. J. Otorhinolaryngol*, São Paulo, v. 78, n. 2, p. 2, abr. 2012.

Recebido em: 4/9/2015

Aceito em: 29/2/2016